

SUPLEMENTO HUMORÍSTICO DE

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lda

Directores ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

MODAS



O marido :
 — Que saía tão exquisita! Que é isso?
 — São as pregas. Nunca viste?
 — Tenho visto, mas não são assim...



PALESTRA AMENA

O PÃO

Somos a dizer-vos, primeiro que tudo, que esta palestra não será amena. Feita a prevenção, quem não queira ler coisas feias e prefira a amenidade, passe adiante e leia o resto do *Seculo Comico*, que não lhe faltará com que sorrir.

Posto isto: fóra, malandros! Não cremos que em terra de selvagens se consentisse a patifaria de impingir um pão como o que está sendo distribuído em Lisboa. Raios partam quem não providencia e quem é culpado de semelhante pouca vergonha; raios os partam, diabos os levem, macacos lhes mordam, cordas os estrangulem, incendios lhes destruam todos os haveres, os filhos lhes nasçam aleijados, as mulheres os enganem, todas as pragas lhes caiam sobre a porca da cabeça, todas as doenças lhes desfaçam as nojentas entranhas, eis o que desejamos a bandidos de tal quilate.

Aqui, onde se faz uma revolução por qualquer coisa, aceita-se esta infamia, protestando-se apenas no papel, com a veemência de frase com que se censura um simples gatuno ou um triste assassino. Não ha um cacete, uma pistola, um revólver, uma espingarda, um canhão, uma bomba que ponha termo

a esta ignobil indecência! Ha dias o *Seculo* publicava uma caricatura figurando o dono d'um cão a dar-lhe a mixórdia, o cão respondia:—«Come-o tu, porque o meu estomago não é de ferro.» Não era isso o que o cão devia dizer; era o seguinte:—«Mete esse veneno no recto, engole-o depois, vomita-o em seguida e obriga os culpados a come-lo apoz estas operações!

Mas quem é o culpado? Afé que bate o ponto. Estamos em julgar que não é pessoa nem coisa, porque não ha homem tão criminoso que pratique uma abominação d'estas, nem coisa tão fóra das leis da natureza que gere semelhante monstruosidade. O culpado é em seguida e obriga os culpados a come-lo apoz estas operações!

Arre, Diabo!

J. Neutral.

Escolas primarias

Não, senhores; não tem razão nenhuma quem escreve pelos jornais que o estado das escolas primarias no nosso paiz deixa muito a desejar. A prova de que assim não é, está n'umas poucas de cartas que temos presentes e que passamos a transcrever.

«Sr. redactor.

«A escola, onde sou professor, está, ao contrario do que se diz, em optimas condições higienicas. E' inteiramente ao ar livre, faltando-lhe apenas paredes e tecto para ser um recinto fechado. Quando faz sol, não ha ne-

desconforto das escolas. Seu leitor mt.º at.º e obgd.º.

M. J. Resignado».

«Sr. redactor.

«Efectivamente alguma coisa ha a dizer sobre edificios de escolas primarias, mas quando um professor tem ideias, como o abaixo assinado, bem pode suprir as deficiencias que se lhes apontam. A casa da escola onde eu ensino tem uns cinco metros quadrados, e os alunos são cento e vinte. Que faço eu? disponho-os em camadas sobrepostas, até ao tecto, e como ainda fiquei trinta e tres sem acomodação, esses vão para o telhado. D'este modo resolvi o problema e todos estão satisfeitos.

Sem mais, leitor assiduo.

J. S. Engenhoso».

«Sr. redactor.

«Não tem razão os reclamantes que berram contra o mau estado das escolas. Eu fui nomeado professor para Aldeia de Linguica e como ali ninguém me soubesse dizer onde era o edificio destinado á escola instalei os meus alunos, durante as horas regulamentares n'um sobreiro que ha no adro da egreja, e é ali que dou lições, eu empoleirado no carrapito e os rapazes nas pernas sub-jacentes. O unico inconveniente da installação consiste em que não posso dar aulas no tempo da descasca, isto é, quando se extrai a corti-

ça, mas aproveito este ensejo para dar ferias e assim temos vivido sem necessidades de maior.

Disponha do

mt.º at.º ven,dor

J. P. Pardal».

«O' chefe, quando é que sobe?»

Já sabem a historia, decerto, porque o papá *Seculo* a contou, mas como ela entra nos dominios do filho, aí vai de novo.

O chefe do apeadeiro do caminho de ferro, em Vila Nova da Rainha, tinha grandes desejos de dar um passeio em aeroplano. Um dia d'estes um official do parque fez-lhe a vontade e o nosso homem lá foi por ares e ventos, mas tanto berrou com o susto, que tiveram de o pôr em terra.

O melhor, porém, não foi isto. O melhor, ou o peor, é que o aeroplano, no seu trajecto, ia projectando para terra



uns estranhos flocos de cor amarelada, que muito intrigavam quem cá em baixo os recebia.

As victimas, sentindo cair os flocos no chapéu, tiravam este examinavam e nada percebiam, até que umas das pessoas atingidas se lembrou de cheirar.

—Eureka! exclamou.

Agora, quando os comboios param junto do apeadeiro de Vila Nova da Rainha, os passageiros gritam para o chefe:

—O' chefe, quando é que sobes?

E ele responde com uma palavra só: precisamente aquela com que se designa os tais flocos que caíam do aeroplano.

Dizem-nos que o homem pediu para ir para os Caminhos de Ferro do Estado e vai ser transferido para Palmela.

Escola suspeita

Aplaudindo a campanha do *Seculo* sobre a necessidade de transformar quanto antes as escolas primarias, um professor diz que a sua escola é um casebre «de aparência deprimente, insultante para a dignidade pessoal e até para o decoro d'uma população de 5:000 habitantes».

Querem ver que é de forma obscena, como os pães que tanto deram ha pouco que falar!



nhuma razão de queixa; quando chove abro o meu guarda chuva e aqui se abrigam os alunos, por precaução inutil, porquanto são filhos de gente de campo e como tal habituados ás intemperies.

«Cesse, pois, a campanha contra o



Novas estampilhas

Vai ser criado um novo tipo de estampilhas, diferentes segundo o rendimento a que digam respeito. Distinguem-se pelas legendas e pelas cores, segundo informes da Direcção Geral dos Impostos: estampilha administrativa, cor azul-escura; assistencia, violeta; averbamento, laranja; registo, encarnada, etc.

Vê-se que andou mão de poeta no caso. As legendas é que ainda não vieram publicadas nos jornaes sérios, mas um reporter do *Seculo Comico* conseguiu copiar algumas. São estas:

Para estampilhas de especialidades farmaceuticas:

*Quem tomar medicamento
Que não seja estampilhado,
Morre no mesmo momento,
Fica logo envenenado.*

Estampilhas para matriculas nas escolas:

*Quem quer um filho doutor
Empenhoca ao professor.*

Para recibos de renda de casa:

*Quem tiver um pardieiro
Com quatro compartimentos
Nunca lhe falta dinheiro,
Vive dos seus rendimentos.*

Para recibo de empregado publico:

*O selo d'este recibo
Custou mais do que eu recebo.
Eu trabalhar? Ora chibo!
Eu dar ao dedo? Ora cebo!*

Os decotes

Agora que uma pessoa de autoridade está metida no caso, talvez que os decotes sejam reduzidos a proporções convenientes. Essa pessoa, que assim se preocupa com a decencia, é nem mais nem menos do que a rainha de



Inglaterra, que apresentou ha dias tres modelos para decotes da côrte: para estreatantes, para senhoras casadas e para velhas.

O jornal de onde extraímos a in-

EM FOCO

A minha criada



*Diz a minha criada a toda a gente,
Baseada na lei, que de futuro
Sou obrigado a pô-la no seguro
Contra qualquer desastre ou acidente.*

*Se ela mete o meiminho em agua quente
São trescentos mil réis que põe a juro;
Se, mexendo no espeto, faz um furo,
Ganha para um relógio e uma corrente.*

*A lei porém, por mal da minha vida,
Não tem igual rigor para com ela,
E assim é, por exemplo, que aos domingos,*

*Como o primo vem cá, se distraída
Ela arrombar o fundo da panela,
Sou eu que tenho de pagar os pingos!*

BELMIRO

formação não publica os tres desenhos, mas podemos facilmente imaginá-los. O decote das meninas é uma nesguinha, deixando vêr dois ou tres dedos de carne, para aguçar o apetite; o das casadas desce um pouco mais, porque é chão que já deu vinha; quanto ao das velhas, mostra provavelmente tudo quanto Deus lhes deu porque já não ha perigo de serem cubiçadas.

Emfim, em Inglaterra estas coisas regulam-se. como é mister; aqui, cada um decota-se como quer, de modo que um homem nunca sabe se as damas que não se decotam o fazem por pudor ou por não terem que mostrar.

Ainda ha monarquicos aceitaveis.

Mas o caso não é esse; mais uma entidade, menos uma entidade a intervir na coisa publica, não faz ao caso, tanto mais que a lua não receberá provavelmente nenhum ordenado. O peor é que: 1.º—a sr.ª Camara Municipal vae vêr-se atralhadissima para saber o que é «plenilunio»—2.º; o tal artigo não prevê o caso do céu estar nu-

A lua



Desconfiava-se de ha muito que a lua se intrometia nos negocios terrestres, por exemplo nas marés e no crescimento dos pepinos, mas ainda não lhe tinha sido oficialmente reconhecida a intervenção.

Desde agora, porém, passa a fazer parte do nosso organismo burocratico, como se lê no decreto ha dias publicado reduzindo o consumo da iluminação publica e particular.

O art. 2.º do referido decreto é clarissimo: «Será suprimida a iluminação publica nas noites de plenilunio e nas tres noites que a precederem e nas que a seguirem».

E' clarissimo, dizemos, astronomicamente falando, porquanto gramaticalmente é um nadinha obscuro, visto que a concordancia deixa um pouco a desejar.

blado, de maneira que então, por muita boa vontade que a lua tenha de nos ser agradável, não poderá prestar-nos as suas preciosas luzes.

Emfim, como no art. 9.º o governo promete publicar «todas as instruções conducentes á melhor execução d'este decreto» talvez n'elles explique o que se nos afigura nebuloso, do que havemos muito mister.

ANEDOTA

N'um jantar de nupcias.

A noiva parece pensativa. Então o noivo diz sorrindo:

—Aposto, minha querida, em como estás pensando no divorcio?

—Por enquanto não, responde ella ingenuamente.

AMA SECA



— Pois sim, ralem-se. Não tenho leite para um, quanto mais para tantos!